

## O ELO PERDIDO ENTRE *TECHNE* E *EPISTEME* SEGUNDO O PENSAMENTO DE MARTIN HEIDEGGER

Francisco Wiederwild<sup>1</sup>

**RESUMO:** A questão da técnica moderna é um dos temas nucleares do pensamento tardio de Martin Heidegger, vindo ao conhecimento do público na década de 1950 com a conferência *A Questão da Técnica* (1953). O período antecedente à proposição dessa questão, contudo, foi preparado duas décadas antes, quando Heidegger tematiza a noção grega de "*techne*" em *Introdução à Metafísica*, se aprofundando posteriormente nas preleções *Nietzsche I*, *Parmênides* e *Heráclito*, entre os anos de 1935 e 1945. Na sessão §2 de *Lógica: a doutrina heraclítica do logos*, Heidegger sustenta que, para os pensadores gregos originários, as noções de *techne* e *episteme* possuíam um vínculo tão estreito que muitas vezes uma palavra era utilizada como sinônimo da outra. Com a inauguração da *interpretação técnica do pensamento*, porém, a *techne* é caracterizada conceitualmente por Platão e Aristóteles como *mimesis*, isto é, como imitação da aparência da realidade suprassensível. Conseqüentemente, o vínculo originário entre *techne* e *episteme* foi completamente obscurecido. Delimitando assim o tema, nossa meditação atenderá à provocação do seguinte problema de pesquisa: de que maneira o esquecimento da relação originária entre *techne* e *episteme* corrobora para o obscurecimento da *poiésis*, segundo o pensamento heideggeriano? Os antigos gregos denominavam tanto a arte como a técnica artesanal como saberes *poiéticos*, enfatizando, assim, a produção de ser (*poiésis*) como o elemento essencial da *techne*. A partir da desarticulação da *episteme* e da *techne*, a *episteme* passa a ser compreendida como o *saber mais elevado*, o único a partir do qual é possível apreender a essência (*eidos*) dos fenômenos. Segundo o pensamento platônico, a *techne*, por outro lado, não produz a ascensão da aparência à essência, da *doxa* (opinião) à *episteme* (conhecimento verdadeiro) e traz consigo o constante risco da ilusão e da mentira. Aristóteles, na esteira de Platão, identifica a *techne* como imitação da aparência da realidade suprassensível determinada a partir de um genuíno processo racional. Diferente de Platão, Aristóteles reconhece o vínculo fundamental entre *techne* e *episteme*, mas caracteriza a produção técnico-artística como mais uma forma dentre outras de conhecimento, obliterando a sua essência. Seja a partir da acepção platônica ou da aristotélica, a tradição metafísica preservou fixa e inalterada a desassociação entre *techne* e *episteme*, degradando a produção criativa de ser (*poiésis*) ao nível da atividade artesanal, até Martin Heidegger colocar em questão o seu elo perdido.

**Palavras-chave:** Heidegger. Episteme. Techne. Poiésis.

**ABSTRACT:** The question of modern technique is one of the core themes of Martin

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. [wiederwild@hotmail.com](mailto:wiederwild@hotmail.com)

Heidegger's late thought, which came to public attention in the 1950s with the lecture *The Question of Technique* (1953). The period preceding the proposition of this question, however, had been prepared two decades earlier, when Heidegger thematized the greek notion of "techne" in *Introduction to Metaphysics*, and later delved into it in the lectures *Nietzsche I, Parmenides and Heraclitus*, between 1935 and 1945. In section §2 of *Logic: the Heraclitean doctrine of the logos*, Heidegger argues that, for the original greek thinkers, the notions of *techne* and *episteme* were so closely linked that one word was often used synonymously with the other. With the inauguration of the technical interpretation of thought, however, *techne* is conceptually characterized by Plato and Aristotle as *mimesis*, that is, as an imitation of the appearance of suprasensible reality. Consequently, the original link between *techne* and *episteme* was completely obscured. Thus delimiting the theme, our meditation will address the following research problem: in what way does the forgetting of the original relationship between *techne* and *episteme* corroborate the obscuring of *poiésis*, according to Heideggerian thought? The ancient greeks called both art and craft techniques poietic knowledge, thus emphasizing the production of being (*poiésis*) as the essential element of *techne*. From the disarticulation of *episteme* and *techne*, *episteme* comes to be understood as the highest knowledge, the only one from which it is possible to grasp the essence (*eidos*) of phenomena. According to platonic thought, *techne*, on the other hand, does not produce the ascent from appearance to essence, from *doxa* (opinion) to *episteme* (true knowledge) and brings with it the constant risk of illusion and lies. Aristotle, following in Plato's footsteps, identifies *techne* as an imitation of the appearance of suprasensible reality determined by a genuine rational process. Unlike Plato, Aristotle recognizes the fundamental link between *techne* and *episteme*, but characterizes technical-artistic production as just another form of knowledge, obliterating its essence. Whether in the platonic or aristotelian sense, the metaphysical tradition preserved the disassociation between *techne* and *episteme* fixed and unchanged, degrading the creative production of being (*poiésis*) to the level of artisanal activity, until Martin Heidegger questioned its missing link.

**Keywords:** Heidegger. Episteme. Techne. Poiésis.

Na meditação que se segue abordaremos o elo perdido entre as noções de *techne* e *episteme*, segundo o pensamento de Martin Heidegger. O resgate deste vínculo perdido deve partir de uma reconstrução conceitual, com o retorno ao pensamento pré-socrático que, no momento inaugural da filosofia ocidental, ainda compreendia originariamente *techne* e *episteme*. Na preleção dedicada ao pensamento de Heráclito (1943), Heidegger sustenta que, dentre os grandes pensadores da Antiguidade, os "originários" se resumem à apenas três nomes: Anaximandro, Parmênides e Heráclito. Quem são esses pensadores e por que, dentre tantas eminentes figuras pré-socráticas, são esses os únicos originários?

A resposta à essa pergunta não pode ser obtida mediante biografias meticulosamente elaboradas por meio de pesquisas historiográficas. As biografias desses pensadores, dirá o filósofo alemão, “[...] podem estar inteiramente corretas e, no entanto, a apresentação de seu pensamento permanecer não-verdadeira” (HEIDEGGER, 1998, p. 21). Para além da exatidão técnica da historiografia, a resposta à pergunta “*quem* são esses pensadores?” é determinada a partir do *que* essas figuras emblemáticas pensaram. Anaximandro, Parmênides e Heráclito são os pensadores originários, pois eles fizeram a “*experiência da origem*” no âmbito inaugural da filosofia.

Frente a esta proposta temática, poder-se-ia indagar: qual o interesse de Heidegger com o retorno a esse “pensamento arcaico” já há muito tempo “superado” pela metafísica? Pretenderia Heidegger, com esse regresso, corrigir as interpretações supostamente equivocadas da tradição metafísica acerca do pensamento pré-socrático e, por conseguinte, restaurar a determinação essencial deste pensamento? O retorno de Heidegger aos pensadores pré-socráticos visa, sobretudo, refazer as experiências inaugurais, anteriores ao surgimento da metafísica, “[...] tornadas possíveis pela *língua* do começo (no caso, a língua grega), e que foram depositadas, ao mesmo tempo que conservadas, num certo número de *palavras fundamentais*” (ZARADER, 1997, p. 28).

A nossa pretensão, neste breve ensaio, não consiste em perguntar se as interpretações de Heidegger fazem ou não “justiça” aos textos dos pensadores originários. Mas, antes, de questionar o que pode nos ensinar a leitura heideggeriana dos textos pré-socráticos acerca do pensamento do próprio Heidegger. A questão essencial passa, então, ser a seguinte: como é que a referência aos pensadores originários funciona no interior do pensamento heideggeriano, e em que pode ela nos permitir clarificar esse pensamento?

Heidegger não tenciona um retorno ao pensamento originário *apenas* com o propósito de corrigir as interpretações supostamente equivocadas da tradição metafísica acerca dos pensadores pré-socráticos. O confronto de Heidegger com as interpretações canonizadas pela tradição sobre o pensamento pré-socrático será efetuada invariavelmente, mas somente como parte de uma tarefa primordial, a saber: reconstruir no presente as experiências iniciais da língua do começo do

pensamento ocidental, pressupondo-as como fundamento de fenômenos vigentes. Em outras palavras, embora a experiência desses pensadores com as palavras fundamentais esteja, do ponto de vista cronológico, distante de nós no tempo; do ponto de vista ontológico, elas continuam a imperar no cerne de fenômenos dignos de questão na contemporaneidade.

A experiência ontológica com a linguagem perpetrada pelos poetas e pensadores originários legou para a tradição as palavras diretrizes que compõem as regiões ontológicas da metafísica e, por conseguinte, seus tradicionais objetos de questão: ser, ente, essência, verdade, razão etc. Retomando as palavras fundamentais, Heidegger compreende essa experiência inaugural do pensar com a linguagem como aquilo que determinou historicamente o destino do pensamento ocidental, mas que acumulou em seu cerne aquilo que para nós ainda permanece *impensado*. A língua grega abriga riquezas que o pensamento não esgota, compondo um profundo reservatório de *impensado* que só pode ser pressuposto ou pressentido devido ao fato de a língua grega ter mantido intacta a sua força de nomeação. Os significados das palavras se apagam ao longo do tempo, mas as palavras que atuaram como sua fonte de sentido, seu solo e abrigo foram resguardadas e transmitidas pela tradição.

Diante de tantas palavras fundamentais preservadas pela tradição metafísica, tematizaremos neste ensaio apenas três: *alethéia*, *techne* e *episteme*, nos atendendo à provocação do seguinte problema de pesquisa: em que consiste, para Heidegger, o vínculo originário entre *techne* e *episteme*? Tendo sido obscurecido o elo entre essas palavras fundamentais, o que permaneceu para nós *impensado*? Na sessão §2 de *Lógica: a doutrina heraclítica do logos*, Heidegger sustenta que, para os pensadores originários, as noções de *techne* e *episteme* possuíam um vínculo tão estreito que muitas vezes uma palavra era utilizada como sinônimo da outra. *Techne* e *episteme* formam, assim, um par conceitual, mas a característica essencial dessas formas de saber consiste no fato de elas serem compreendidas preliminarmente como modos de *alethéia* (verdade como descobrimento). Portanto, antes de definirmos *techne* e *episteme* e estabelecermos o seu vínculo originário, determinaremos o significado de *alétheia*.

Logo nas primeiras páginas da preleção *A Essência da Verdade* (1930), Heidegger indaga: "O que se compreende, afinal, ordinariamente por "verdade"?" (HEIDEGGER, 2008, p. 190). O modo como o filósofo alemão formula a questão já revela que o seu projeto diretor consiste em partir da definição corrente e ordinária de verdade, para em seguida penetrar a sua dimensão originária:

Heidegger parte do <<bom senso>> geralmente admitido [pelo sendo comum], e verifica que a filosofia tradicional não faz mais do que adaptar-se a ele, ou mesmo esforça-se para legalizá-lo, sem nunca o fundamentar, e tenta mostrar a necessidade de uma regressão que leve dessa concepção corrente aos seus pressupostos ontológicos (ZARADER, 1997, p. 62, acréscimo nosso).

Em suma, a tradição metafísica não fez mais do que justificar conceitualmente a noção corrente de verdade, sem, contudo, fundamentá-la a partir de seus pressupostos ontológicos determinados durante a aurora do pensamento ocidental pelos pensadores pré-socráticos. Em que consiste o conceito corrente de verdade? Segundo a acepção ordinária, a palavra "verdadeiro" se remete tanto à "coisa" quanto ao enunciado relativo a ela, ou seja: a verdade é a correspondência entre coisa e enunciado. Por exemplo: "esta caneta em minha mão é azul". De fato, esse objeto cilíndrico de plástico em minha mão armazena tinta azul e serve para escrever ou desenhar. Essa descrição é exata, pois a) este objeto está presente em minha mão; e b) o enunciado corresponde à essa coisa cilíndrica de plástico que armazena tinta azul.

Essa noção corrente de verdade é correta. Heidegger não contesta a sua exatidão, mas explica que ela é "derivada" e não fundamentada. Por isso, ela é "correta", mas não necessariamente "verdadeira". Para penetrarmos a dimensão "verdadeira" (ou, mais precisamente, *originária*) da verdade como correspondência, devemos indagar: qual a fundamento da concordância entre coisa e enunciado? Para a filosofia cristã medieval, o fundamento dessa concordância é o divino; para a filosofia racionalista moderna é a razão. O que fez a filosofia moderna? Transferiu o fundamento que consistia na ordem do divino para a ordem da razão, mas sem esclarecer os seus pressupostos ontológicos. Que pressupostos ontológicos são esses? São, de acordo com Heidegger: 1) abertura; e 2) o estar-desencoberto.

A abertura antecede tanto a coisa (a caneta em minha mão) quanto o enunciado acerca dela: o ente só pode surgir e perdurar numa abertura prévia. A abertura é anterior a relação entre ente (caneta) e o sujeito enunciativo. Portanto, o fundamento da relação entre coisa e enunciado não está no juízo ou na razão do sujeito enunciativo, mas no “estar-descoberto do ente numa abertura”. Tanto a abertura como o desencobrimento do ente são anteriores a relação (de adequação) entre ente e enunciado e, por isso, mais originária (ou fundamental).

Os pensadores gregos originários, segundo Heidegger, já haviam experimentado a verdade como desencobrimento do ser do ente numa abertura prévia. Os pensadores originários compreendiam, assim, o ente não apenas como um objeto simplesmente presente, mas como um ente que, ao brotar de uma ocultação, aparece numa abertura. A manifestação do ente advém sempre do brotar de uma ocultação numa abertura. Por isso, podemos denominar essa experiência como *alétheia*: desencobrimento do ente a partir de uma ocultação. Os gregos possuíam outra palavra fundamental para denominar esse “brotar, surgir a partir de uma ocultação”: a palavra *phýsis*. E como podemos compreender a *techne* e a *episteme* como modos de desencobrimento do ente?

Na preleção acerca do pensamento de Heráclito, Heidegger define *episteme* como “[...] colocar-se diante de alguma coisa, ali permanecer e deparar-se, a fim de que ela se mostre em sua visão” (HEIDEGGER, 1998, p. 204). *Episteme*, neste sentido, não caracteriza apenas uma doutrina, mas um modo de *saber-ver*, de contemplar o brotar do ente:

Esse estar diante de algo numa permanência atenta, *episteme*, propicia e encerra em si o fato de nós nos tornarmos e sermos cientes daquilo diante do que assim nos colocamos. Sendo cientes podemos, portanto, tender para a coisa em causa, diante da qual e na qual permanecemos na atenção. Poder tender para a coisa significa entender-se com ela. Traduzimos *episteme* por “entender-se com alguma coisa” (HEIDEGGER, 1998, p. 204).

Esse “estar ciente de algo”, “ter ciência de algo”, é uma atenção prévia a toda teorização do ente. Podemos designar esse modo de saber-ver o brotar do ente como uma visão prévia da abertura do ente, que antecipa o aparecimento daquilo que poderá ser subsequentemente teorizado, mensurado, quantificado, em suma,

objetivado. Todo conhecimento do verdadeiro é derivado dessa visão sábia que prevê o surgimento do ente, sem a qual, portanto, não há teoria nem objetivação do real. A *techne* se assemelha a *episteme* justamente por caracterizar-se como um saber-ver que prevê o surgimento do ente. Por exemplo, antes de esculpir a estátua de Davi, Michelangelo viu a sua figura no mármore e, esculpindo-a, libertou a sua imagem. Para que a figura imponente Davi pudesse ser contemplada, o escultor precisou arrancá-la do ocultamento estabelecido pelo mármore, descobrindo a sua imagem.

Heidegger sustenta que esse modo de descobrimento do ente suscitado pela *techne* só pode ser compreendido em sua essência se pensado a partir de um contra-conceito: a *phýsis*. O ente que vem-a-ser segundo a *phýsis* tem o seu fim em si mesmo, como, por exemplo, uma árvore ou uma flor que nasce e cresce numa floresta virgem sem a intervenção humana (pela sementeira, fertilização do solo, regamento etc.). Por outro lado, o ente que vem a ser segundo a *techne* depende necessariamente da intervenção humana, que força o ser do ente a emergir de uma ocultação. A *techne*, no sentido originário, configura o saber fazer humano, o poder fazer capaz de criar ser forçando-o a manifestar-se. Para caracterizar esse processo de criação de ser próprio da *techne*, os pensadores gregos utilizavam a palavra "*poiésis*", que é traduzida aqui como "produção criativa do ser".

Com o surgimento do pensamento metafísico, com Platão e Aristóteles, porém, a caracterização essencial da *techne* como *poiésis* foi completamente desfigurada, de acordo com Heidegger. Ao definir a *techne* como *mimesis*, esse saber fazer humano é compreendido pelo pensamento platônico-aristotélico não mais como um modo de produzir, de criar ser, mas como imitação da aparência da realidade suprassensível. A *phýsis* passa a ser definida metafisicamente como *eidos* (forma pura). O saber que configura a *techne*, por outro lado, não tendo acesso à realidade suprassensível, é conceituada como "produção de cópias da realidade suprassensível". A partir da desarticulação da *episteme* e *techne*, a *episteme* passa a ser compreendida como o *saber especulativo mais elevado*, o único a partir do qual é possível apreender a essência (*eidos*) do fenômeno. A *techne*, desassociada do conhecimento, não produz a ascensão da aparência à essência, da *doxa*

(opinião) à *episteme* (ciência) e, por isso, “[...] traz consigo o risco da ilusão constante e da mentira” (HEIDEGGER, 2007, p. 152).

Diante disso, poder-se-ia objetar que essa acepção só encontra lugar no cerne da filosofia platônica, não havendo correspondência imediata com o pensamento de Aristóteles acerca da *techne*. De fato, diferente de Platão, Aristóteles ainda reconhece o vínculo entre *techne* e *episteme*, definindo-a como um processo genuinamente racional, mas atribuindo à produção artesanal uma finalidade prática subordinada à razão calculadora. Seja a partir da acepção platônica ou da aristotélica, a tradição metafísica preservou fixa e inalterada a desassociação entre *techne* e *episteme*, degradando a produção criativa do ser (*poiésis*) ao nível da atividade artesanal. “Por mais elucidativa que seja essa opinião corrente, ela não toca de maneira alguma na posição fundamental a partir da qual os gregos determinam a arte e o artesanato” (HEIDEGGER, 2007, p. 75).

Não temos o tempo nem o fôlego necessários para averiguar, aqui, os desdobramentos da desarticulação do elo entre *techne* e *episteme* na tradição metafísica herdeira de Platão e Aristóteles, que na modernidade aparece no radical afastamento entre ciência e arte, entre técnica e arte. Mas essa breve meditação nos permite compreender como o pensamento metafísico, ao promover a cisão entre a realidade sensível e a realidade suprassensível, elege a *episteme* como “o saber verdadeiro”, o único capaz de nos conduzir às essências dos fenômenos. Em outro extremo, a tradição é possível compreender como a metafísica promove a degradação da arte interpretando-a como mera produção de cópias do “real” que, incapaz de acessar a verdade, encontra expressão na mera aparência da realidade, sem jamais oferecer passagem à dimensão “pura” do fenômeno reproduzido.

Se elegermos como tarefa do pensamento a reabilitação da noção originária de arte como *techne*, torna-se imprescindível ultrapassarmos as fronteiras da metafísica ocidental e regressarmos ao pensamento pré-socrático. Recuperando as experiências inaugurais realizadas pelos pensadores originários, antes do surgimento da metafísica, a partir da tematização das palavras fundamentais *phýsis*, *alétheia*, *techne* e *episteme*, descobriremos que a tradição metafísica (com ela a estética e toda filosofia da arte) preservou impensada justamente a essência da arte: a *poiésis*, a produção criativa do ser. Seguindo o exemplo de Heidegger, se

ensejamos compreender na contemporaneidade os fenômenos dignos de pensar e a nós mesmos mais radicalmente, é indispensável que sondemos a origem do pensamento ocidental, a partir de uma profunda confrontação com a tradição metafísica.

## REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. *Heráclito*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback.

HEIDEGGER, Martin. *Introdução à Metafísica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão.

HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche I*. Rio de Janeiro: editora Forense Universitária, 2007. Tradução de Marco Antonio Casanova.

HEIDEGGER, Martin. *Parmênides*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008. Tradução de Sérgio Mário Wrublevski.

HEIDEGGER, Martin. *A Questão da Técnica*. [Ensaio e Conferências]. Petrópolis: Editora Vozes, 2018. Tradução de Emanuel Carneiro Leão.

ZARADER, Marlène. *Heidegger e as Palavras da Origem*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. Tradução de João Duarte.